

Narrativas do sofrimento do trabalho de um policial militar afastado

A REMOVED MILITARY POLICEMAN'S NARRATIVES OF SUFFERING AT WORK

Almerinda Maria Skeff Cunha

Professora do Centro Universitário Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos, no curso de Psicologia. Mestre em Comunicação e Sociedade no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade e membro do grupo de pesquisa Trabalho e Emancipação: coletivo de pesquisa e extensão na Universidade Federal do Tocantins.

E-mail: almerindasc@gmail.com

Liliam Deisy Ghizoni

Professora da Universidade Federal do Tocantins no curso de Administração e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade. Doutora em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília, com estágio sanduíche na Université Catholique de Louvain la Neuve, na Bélgica. No Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico, é líder do Trabalho e Emancipação: coletivo de pesquisa e extensão da Universidade Federal de Tocantins e também membro do Grupo de Pesquisa Psicodinâmica e Clínica do Trabalho da Universidade de Brasília. Membro do grupo de trabalho Psicodinâmica e Clínica do Trabalho na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia.

Editora geral da Revista Trabalho (En)Cena.

E-mail: ldghizoni@gmail.com

Recebido em 12 de janeiro de 2017. Aprovado em 2 de fevereiro de 2018.

Resumo

Objetiva-se compreender a narrativa do sofrimento no trabalho vivenciado por um policial militar afastado. Configura-se como estudo de caso, no âmbito da pesquisa-ação, de natureza descritiva e qualitativa. Aconteceram sete sessões usando a técnica da escuta clínica do sofrimento no trabalho, com

escopo teórico da psicodinâmica do trabalho. Foi possível narrar o caso do policial, analisar a psicodinâmica do trabalho vivenciada e delinear os destinos do sofrimento que o policial deu a sua vida.

Palavras-chaves: Trabalho. Narrativas do sofrimento. Reconhecimento. Desamparo. Frustração.

Abstract

The aim of this study is to understand the narrative of suffering at work experienced by a removed military policeman. It is a case study, in the context of action research, of a descriptive and qualitative nature. There were seven sessions using the technique of clinical listening of suffering at work, with the psychodynamics

of work theoretical scope. It was possible to narrate the case of a policeman, to analyze the psychodynamics of the work experienced, and to delineate the destinies of suffering that the policeman gave to his life.

Keywords: Work. Narratives of suffering. Recognition. Helplessness. Frustration.

Introdução

O trabalho, a fim de atender às necessidades e exigências da pós-modernidade, vem sofrendo diversas transformações. Estas impactam no mundo do trabalho e, conseqüentemente, no trabalhador, por ser o labor o elemento principal tanto na constituição do sujeito quanto nas suas relações sociais. Desse modo, sendo a Polícia Militar a instituição na qual se constrói este estudo, entende-se que, mesmo sendo um órgão de caráter público, ela não se eximiu das transformações decorrentes da globalização e do processo de reestruturação do capital.

Para discutir aspectos relacionados à organização da atividade policial militar, entende-se que abordar as narrativas do trabalho, pelo viés interdisciplinar, se faz importante. Assim, foram escolhidas a filosofia, a sociologia, a comunicação (por vias das narrativas) e a psicodinâmica do trabalho para refletir acerca do conceito de trabalho.

A interdisciplinaridade é discutida por Orejuela (2009) no campo das ciências sociais. Para o autor, não existe a ciência, e sim as ciências, constituindo um campo heterogêneo no qual as disciplinas tentam se articular umas com as outras a fim de permitir a totalidade de um saber. Birman (2013) assegura ser necessário ter atenção ao discutir sobre esse conceito a fim de não psicologizar a questão. Ele pontua isso com o objetivo de não haver um empobrecimento da análise a ser feita; para tanto é necessário ater-se aos registros teóricos e metodológicos da questão.

Portanto, tomando como norte o trabalho policial militar e a sua organização, o objetivo principal deste estudo é compreender a narrativa do sofrimento no trabalho de um policial militar afastado. Especificamente, objetiva-se narrar o caso desse policial, em seguida analisar a psicodinâmica do seu trabalho e por fim delinear os possíveis destinos de seu sofrimento.

O trabalho numa visão interdisciplinar: delineamento teórico

Considerando a possibilidade de estudar e compreender o conceito de trabalho no âmbito interdisciplinar, torna-se possível um olhar macro a seu respeito, bem como trazê-lo para realidade do século XXI – a pós-modernidade.

Numa visão filosófica, Arendt (2010) permite a reflexão do trabalho enquanto condição humana que, na atualidade, respalda o sistema econômico vigente e impacta diretamente no trabalhador. O trabalho deixa, portanto, de ser apenas elemento de sobrevivência e manutenção da vida; avança caracterizando-se como uma atividade na qual o homem fabrica seus próprios instrumentos de trabalho a fim de contribuir com a produção de tudo aquilo que será utilizado e consumido por ele. Enquanto ação, esta pode ser apreendida como estruturante não apenas do fazer, mas também como uma atividade voltada para o estabelecimento das relações sociais e, conseqüentemente, da construção da identidade e subjetividade do sujeito, que o torna singular perante os demais (ROIK; PILATTI, 2009; ARENDT, 2010).

Pela visão sociológica, tais conceitos delineados por Arendt também são discutidos por Antunes (2012, 2014) quando este traz reflexões acerca da nova morfologia do trabalho e suas conseqüências. O autor promove uma reflexão acerca dos métodos de produção seguindo o viés do capitalismo, uma vez que estes interferem e transformam as relações de poder estabelecidas com os trabalhadores.

Foi durante a década de 1980 que houve as primeiras investidas relacionadas à reestruturação produtiva, dando início a um processo de metamorfose no conceito de trabalho e, por conseguinte, no mundo do trabalho (ANTUNES, 2012, 2014). Esse contexto apresentou um novo desenho no qual as empresas tiveram que seguir e adotar novos padrões voltados ao âmbito organizacional e tecnológico. Isso permitiu a inclusão de novas maneiras de disposição social do trabalho.

Antunes (2012, 2014) aponta o surgimento e a legitimação de outras formas de trabalho: o empreendedorismo, o trabalho voluntário, o cooperativismo, o infoproletariado e a terceirização. Elas se apresentam como modalidades que por repetidas vezes suprem o trabalho formal, suscitando a intensificação e até mesmo a autoexploração do trabalho e do trabalhador (ANTUNES, 2010).

Neffa (2008), ao discutir questões apresentadas por Antunes (2012, 2014), apresenta que o setor da informalidade funciona como forma de manutenção e reforço do acúmulo do capital. Não obstante, ele é composto também por trabalhadores rurais que migraram para a cidade a fim de obter novas oportunidades de trabalho; no entanto houve um inchaço urbano que impactou diretamente na configuração do meio social e de trabalho.

Contudo, à medida que o mundo do trabalho vai se desenvolvendo, vai também carecendo de inovações e avanços, e a flexibilização dos postos de trabalho, bem como do trabalhador, se apresenta como uma maneira de adentrar e se fixar à nova lógica de mercado. Constitui-se, assim, o chamado flexitempo, no qual o trabalhador torna-se obrigado a produzir mais em menos tempo, mantendo a qualidade do serviço prestado e podendo passar por diversos postos de trabalho (SENNETT, 2009). Porém essa nova configuração acaba por intensificar e precarizar o trabalho. Esses elementos, quando associados, podem levar o trabalhador a vivenciar o sofrimento e conduzi-lo ao adoecimento físico e psíquico, no qual os recursos defensivos são esgotados, paralisando o sujeito perante a realidade vivenciada.

A fim de incorporar a interdisciplinaridade sugerida, apresenta-se o binômio comunicação-trabalho dentro do viés da comunicação. Este se firma como um elo importante neste estudo sobre a narrativa do sofrimento de um policial militar a caminho de uma aposentadoria por invalidez em decorrência do alcoolismo. Destacam-se, sobretudo, os estudos apresentados por Hanke (2003), Motta (2005), Freitas (2007), Barthes (2011), Fígaro (2008, 2013), Rebechi e Fígaro (2013) e Kanyat (2016).

O estudo da comunicação vinculado ao trabalho apresenta-se como uma proposta de cunho teórico-metodológico na qual se aborda a centralidade do trabalho a partir do campo da comunicação (FÍGARO, 2013). Desse modo é possível compreender que a comunicação se torna um elemento constitutivo da ação humana, conseguindo organizar, construir e transformar as redes de sentido existentes no mundo do trabalho que estão em mudança permanente (KANYAT, 2016).

Fígaro (2008) entende que a comunicação foi incorporada à lógica produtiva com a finalidade de propiciar maior acúmulo do capital. Conseqüentemente, são intensificadas e potencializadas as transformações no mundo do trabalho, permitindo um impacto cada vez mais avassalador no trabalhador. Este, por sua vez, se vê na obrigação de incorporar a lógica de mercado a fim de manter-se pertencente a uma sociedade do espetáculo.

A pesquisa tem como objetivo estudar os sistemas narrativos, seguindo a essência das sociedades, visando o estudo das relações humanas e o entendimento de como o sujeito social constrói seus significados por meio da apreensão, compreensão e expressão narrativa de uma realidade vivenciada e apresentada, permitindo a construção da narrativa (HANKE, 2003; MOTTA, 2005).

Barthes (2011) aduz que a narrativa apresenta uma característica animista do pensamento humano. Ela pode ser amparada pela linguagem proferida, oral ou escrita, pela imagem, pelo gesto, além de fazer-se presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na conversação.

Reportando-se ao conceito de trabalho pelo viés da psicodinâmica do trabalho, para Dejours (2011) o trabalho não se reduz às relações sociais, ao assalariamento e à ideia de poder. O autor visa o trabalho como a concepção do novo, daquilo que é original. O ato de trabalhar está relacionado diretamente com o real do trabalho, no qual a realidade é marcada pela obstinação da matéria, dos instrumentos ou das máquinas utilizadas no trabalho (DEJOURS, 2004). O trabalho permite a inserção e a interação das pessoas com o meio social, não configurando apenas uma relação salarial ou de emprego (MERLO; BOTTEGA; PEREZ, 2014).

Dejours (1992, 2011) trata de questões relacionadas à organização do trabalho (OT), composta pelo trabalho prescrito e o real do trabalho. O prescrito configura-se como aquele no qual as tarefas estão pré-estabelecidas, enquanto que o real é marcado pelos imprevistos e improvisos da realidade apresentada (COSTA, 2013).

Neste ínterim, a lacuna existente entre o prescrito e o real leva o sujeito a vivenciar o sofrimento. É nesse contexto que a narrativa do sofrimento se configura e se constrói, e o mundo do trabalho exige do trabalhador uma nova postura, devendo este ser mais comprometido e mais performático.

Procedimentos metodológicos

Trata-se de um estudo de caso (YIN, 2001), por tratar da realidade e de demandas relacionadas à vida de um policial militar afastado. No início das sessões ele estava nessa condição há 1 ano e 3 meses e aguardava seu processo de reforma (aposentadoria proporcional ao tempo de serviço militar), programada para o dia 19 de julho de 2017.

Visando compreender a narrativa do sofrimento do policial militar, essa foi a maneira encontrada para retratar e acessar sua vida pregressa e os aspectos relacionados à OT militar. Constitui-se como uma pesquisa-ação de cunho descritivo (GERHARDT; SILVEIRA, 2009) e qualitativo (FLICK, 2009; GÜNTHER, 2006), pois propõe uma intervenção com a finalidade de acessar e descrever uma realidade.

Utilizou-se a técnica da escuta clínica do sofrimento proposta por Mendes e Araujo (2012) e Mendes (2014), e seguiu-se os preceitos da teoria da psicodinâmica do trabalho (DEJOURS, 1992). Esse processo de escuta se configura a partir de três eixos, conforme Mendes (2014): os dispositivos clínicos, a formação do clínico e a supervisão clínica/institucional, descritos a seguir:

- 1) *Análise da demanda*: surge a partir de um trabalhador, de um coletivo de trabalhadores, de uma instituição e/ou de pesquisadores interessados no tema (MENDES, 2014). Nesta pesquisa, a demanda veio do Centro Integrado de

Readaptação e Reabilitação da Polícia Militar do Tocantins (CIRR/PMTO) em conjunto com o mapeamento dos riscos psicossociais realizado no 6º Batalhão da Polícia Militar do Tocantins (CARVALHO, 2016). Após duas chamadas oficiais via Junta Militar Central de Saúde da Polícia Militar do Tocantins para comparecimento dos policiais afastados do trabalho apenas um deles se apresentou, sendo, portanto, o sujeito de pesquisa – a quem foi dado o nome fictício de João.

- 2) *Transferência*: permite a circulação do afeto e acontece no momento em que o participante aceita e reconhece o que acontece consigo, e cabe ao clínico-pesquisador acolhê-lo e consentir as falas e os gestos revelados por ele (MENDES, 2014). Para Chemama (1995), a transferência é entendida como um vínculo de afeto intenso que se instaura, automaticamente, entre o analista e o analisando. Desloca-se o afeto de forma que a relação do sujeito com as figuras parentais é revivida.
- 3) *A interpretação*: Chemama (1995) a conceitua como uma intervenção do analista com a finalidade de interpretar e dar um novo sentido ao discurso do sujeito, indo além do que foi manifestado em sua fala, no sonho ou por meio de um ato falho. Para Mendes (2014), o sofrimento é mediado tanto pelas defesas apresentadas pelo sujeito quanto pela mobilização subjetiva, ambos carecendo de uma interpretação. Essas defesas precisam ser desnudas e desmontadas para se acessar o sofrimento, na medida em que o processo ocorre sem que esse movimento seja violento e/ou agressivo ao trabalhador.

O segundo eixo que compõe a formação do clínico está relacionado à sua qualificação teórica e prática, bem como à análise pessoal, a fim de que consiga lidar com as frustrações, adversidades e situações às quais está exposto (MENDES, 2014).

O terceiro eixo é composto pela supervisão clínica/institucional. Segundo Mendes (2014), ela existe como condição essencial no saber-fazer, pois durante as supervisões são apresentadas as informações advindas das sessões. Para esta pesquisa foram realizados 13 encontros de supervisão, nos quais estavam presentes a clínica-pesquisadora e a supervisora/orientadora da pesquisa. Contou-se com a participação de dois psicólogos, de abordagem psicanalítica, para contribuir com as interpretações e análises.

Foram utilizados três instrumentos fundamentados na proposta metodológica de Mendes (2014):

- 1) a gravação da sessão (realizada mediante autorização do sujeito pesquisado através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) – ao fim de cada encontro o áudio era enviado via e-mail para uma empresa contratada para transcrever seu conteúdo. Em seguida, iniciavam-se as interpretações e análises;

- 2) o diário de campo (documento impessoal) era elaborado ao final de cada sessão, contendo as impressões, sentimentos e observações feitas pela clínica-pesquisadora. Após ser feito, era enviado imediatamente para a supervisora/orientadora via e-mail a fim de permitir as pontuações necessárias;
- 3) o memorial, que é um documento contendo os principais conteúdos do trabalho e que serve para rememorar a sessão anterior (MENDES, 2014). Era elaborado e legitimado ao final de cada encontro de supervisão e lido no início da sessão subsequente.

Os conteúdos advindos dos encontros foram interpretados tendo-se o vocabulário da psicanálise como norte. Em seguida, optou-se por fazer a análise clínica do trabalho (ACT), composta de três etapas (MENDES; ARAUJO, 2012). Utilizou-se apenas a etapa II (análise da psicodinâmica do trabalho), fomentada a partir das transcrições das sessões e do registro das falas.

A devolução do estudo ao sujeito da pesquisa foi realizada no dia 6 de novembro de 2017, sendo apresentada uma síntese verbal de todos os encontros. Ressalta-se que toda a análise foi validada pelo sujeito de pesquisa.

A narrativa do caso João: um policial militar afastado do trabalho

O caso João configura-se como uma história permeada pela dor e pelo sofrimento, em que a vida pessoal se confunde com a vida profissional de um jovem senhor de 48 anos, que perdeu sua mãe aos 8 anos de idade. João morou com o pai em dois momentos: dos 9 aos 16 anos e dos 21 aos 23 anos.

Em 1992, chegando ao Tocantins, morou com sua irmã mais velha e na mesma época prestou concurso público para ingressar na Polícia Militar (PM), conseguindo uma vaga como soldado. Nos primeiros anos residiu numa cidade a aproximadamente 60 km da capital, onde casou e teve dois filhos com sua primeira esposa. Depois de alguns anos, fixou residência na capital, casando-se pela segunda vez.

Sua trajetória na PM é marcada por situações nas quais seu objeto de desejo (o reconhecimento) não foi alcançado de acordo com suas expectativas, fazendo-o se sentir frustrado e angustiado. Como resultado desse contexto, ele intensifica o consumo de bebida alcoólica a fim de aliviar a dor causada, representada por um vazio, que reflete uma “falta” existente desde sua vida anterior à instituição.

Ao longo de seus 25 anos destinados à PM, João foi soldado, cabo e sargento. Teve três afastamentos de trabalho para tratamento do alcoolismo, por este fato impactar diretamente na sua conduta profissional e inviabilizar a realização de suas atividades.

Por serem recorrentes os afastamentos, ele optou pela reforma (espécie de aposentadoria proporcional ao tempo de serviço) por acreditar não ter mais condições favoráveis ao exercício da profissão. Assim, foi possível compreender que o sofrimento no trabalho foi intensificado ao longo dos anos de serviço prestado à instituição, sendo permeado pelo desamparo, pela frustração e pela angústia.

A corporação militar torna-se passível de análise para entender o sofrimento vivenciado por João uma vez que na sua fala ele apresenta elementos relevantes. Considerando seu relato durante as sete sessões realizadas, é possível analisar a psicodinâmica do trabalho policial militar a partir de fatores que envolvem: a) a OT; b) a mobilização subjetiva; e c) os sofrimentos, defesas e patologias. A OT compreende o trabalho prescrito e o real do trabalho, por isso é composto por elementos importantes, a saber: tipos de tarefas; divisão do trabalho; normas e regras; tempos e ritmos; exigências técnicas; relações com pares, chefias e clientes; estilo de gestão; responsabilidades e riscos.

Analisando a OT militar, conseguiu-se identificar, no relato de João, alguns tipos de tarefas desenvolvidas, inclusive por ele: atividades de rádio patrulha e policiamento no presídio, na guarda do Quartel do Comando Geral (QCG), no Palácio Araguaia, no Tribunal de Justiça do Tocantins, nas portas dos bancos, atividades no rancho, no almoxarifado, no canil dos cachorros e na escolinha de futebol. Como estas são apenas algumas das diversas atividades de um PM, João aponta a deficiência no efetivo de policiais na ativa e também nos recursos, equipamentos e condições de trabalho, às vezes impróprias, inadequadas e defasadas, prejudicando a eficácia do trabalho.

A comunicação entre os oficiais e os praças, bem como sua qualidade, é escassa e marcada pelo distanciamento entre os policiais, refletindo a não participação destes em decisões relacionadas ao trabalho. Por ser frágil, ela interfere na falta de clareza para realizar um trabalho adequado, e isso, por sua vez, incita a punição – algumas vezes aplicada de forma desigual.

As normas, regras e exigências técnicas são pautadas no pilar da disciplina. João relata a obediência quanto ao comparecimento do policial, ao ser chamado ou receber ofício solicitando sua presença, e quanto ao cumprimento efetivo da carga horária de trabalho (não havia regulamentação para tal, o que intensificava o ritmo de trabalho do policial e impedia um desempenho eficaz). O policial analisado destaca também a promoção de graduação segundo a qual o tempo de serviço militar é considerado. A exigência técnica identificada é a forma de ingresso à instituição, via concurso público, e o curso de formação do militar a posteriori.

Embora João relate uma convivência e relação positivas, permeadas pelo companheirismo e espírito coletivista, existem os chamados círculos hierárquicos, nos quais a convivência é pautada pela hierarquia entre os policiais, não havendo entrosamento de

um superior com um subordinado. Ele destaca, também, uma situação de humilhação em seu último posto de trabalho, em que se sentiu pomenorizado perante seu chefe. E, sendo a hierarquia um pilar estruturante da instituição, que deve ser respeitado de forma rigorosa, ele – a partir do que vivencia cotidianamente – relata a existência e a predominância do estilo gerencialista na gestão.

No tocante às responsabilidades e riscos da profissão, ambos emergem como reflexo do compromisso e da finalidade da polícia com a sociedade. Os riscos estão associados uma vez que a insegurança existe em paralelo à criminalidade. A precarização do trabalho, embora João afirme que tenha melhorado desde sua época, ainda está presente. Pode ser constatada no quantitativo de homens na ativa, nos instrumentos de trabalho e nas poucas viaturas para atender às demandas que, na atualidade, estão se ampliando e se afastando do que era prescrito para responder à realidade social.

Para driblar essas contradições entre o trabalho prescrito e o real, a mobilização subjetiva vem como elemento relevante nesse contexto de trabalho. No relato de João o sofrimento criativo é identificado quando ele participa de espaços de discussão (Fazenda da Esperança, Casa de Apoio da PM, Alcoolicos Anônimos, Casa de Eurípedes, Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas) a fim de transformar o sofrimento em prazer, embora o contexto de trabalho nem sempre seja favorável a esse movimento. Ressalta-se que esses locais são permeados de confiança, cooperação e solidariedade, visando dar um novo sentido ao trabalho.

Outro elemento utilizado nessa dinâmica é a inteligência prática, por meio de ideias colocadas em ação: as lutas travadas pela melhoria da classe; a cadela que comprou para adestrar quando recebeu o convite para ir em missão à fronteira do Brasil pela Força Nacional; a participação na Associação dos Cabos e Soldados; a elaboração da lista dos militares que receberiam promoção de graduação/posto. Essas ações surgem como forma de transformar sua dor e de ter seu objeto de desejo: o reconhecimento.

O não reconhecimento pode ser identificado na postura do pai de não o admitir como filho, não o tendo registrado em seu nome e tratando-o como um empregado na fazenda, na relação e indiferença dos irmãos para com ele e na não retribuição da polícia pelos serviços prestados, como desejava. Houve várias tentativas de reconhecimento e praticamente todas foram sem êxito, gerando sentimentos de desamparo, frustração, indignação e desmotivação que o levavam à recaída na ingestão da bebida.

O sofrimento ético de João esteve marcado pelos entraves na profissão, pois ele teve seus princípios e valores confrontados com ações peculiares à instituição, por exemplo: questões voltadas à forma como as promoções de graduação são realizadas, as atividades e treinamentos nos quais a influência política é marcante, a prioridade e o reconhecimento

de alguns oficiais devido a um “QI” (“quem indica”). O sofrimento patológico, decorrente de situações de conflito, estresse e frustrações dentro da PM, fez com que João paralisasse diante do sofrimento, fazendo a ingestão de bebida e se impedindo de realizar suas atividades diárias. Em meio a dor, houve uma tentativa de suicídio no ano de 2013.

João se utiliza de duas estratégias de defesa: a racionalização e a negação. Mesmo utilizando-as, o militar não conseguiu sair ileso, apresentando danos físicos e psicossociais – atualmente sente dores na coluna, resultantes do excesso de trabalho e dos armamentos pesados. Os danos psicológicos são constatados devido ao esgotamento mental e ao diagnóstico de alcoolismo feito pelo psiquiatra que o acompanha, junto com a equipe interdisciplinar de saúde. Os danos sociais estão atrelados às responsabilidades e riscos apresentados pela profissão a fim de efetivar o patrulhamento ostensivo e a manutenção da ordem pública da sociedade em geral.

Algumas variáveis externas inerentes a sua vida pessoal são consideradas perante as dificuldades e situações desencadeadoras do desamparo e da frustração. Estão relacionadas à busca incessante por suprir uma falta que o acompanha e faz com que sua vida pessoal e profissional se confundam em sua essência.

Em relação aos possíveis destinos do sofrimento, João destaca: aulas de informática para comunidade; o resgate e a ajuda para pessoas em vulnerabilidade, devida ao alcoolismo; confecção de vasos artesanais; plantações na chácara; e construção de um hotel para cães, bem como de um lugar para adestramento, em parceria com sua enteada. Embora relate esses destinos, ele abandona os atendimentos na sétima sessão, não sendo possível ter certeza de que João irá colocar tais projetos em prática. Nota-se um movimento recorrente em sua vida diante de eventos que o levam, principalmente, à elaboração das situações de dor e sofrimento.

Na sessão devolutiva, o policial valida e aceita a análise apresentada pela clínica-pesquisadora no tocante a todo o relato produzido. Nesse encontro ele nega que o álcool tenha sido um dos maiores impedimentos quanto à sua ascensão militar e reafirma a existência do não reconhecimento pela polícia. Finaliza sua fala relatando que, após a reforma, apenas Deus poderia mantê-lo firme diante do álcool.

A busca incessante pelo reconhecimento: compreendendo o caso João

A vida do João foi, desde o início, marcada pela falta que, por sua vez, se configura através do não reconhecimento do pai, dos irmãos e da PM, principalmente. A busca incessante pelo reconhecimento fez com que a falta (compreendida como um vazio

existente na sua vida) desencadeasse o estado de desamparo que o fez vivenciar situações de frustração, angústia e sofrimento.

O desamparo surge pela necessidade de suprir uma falta que surge e perdura em sua vida enquanto um sintoma. Lacan (1958 apud CHEMAMA, 1995) afirma que o sintoma está direcionado para o desejo de ser reconhecido, permanecendo excluído e reprimido. É o efeito simbólico do real, bem como uma defesa que se contrapõe à angústia, sendo esta compreendida como prenúncio de uma ameaça de castração (VANIER, 2002). A angústia surge como reflexo da correlação existente entre o sintoma, o desamparo e a frustração.

A situação de desamparo é vivenciada desde o ventre materno, com a negação do pai que não o reconhece e despreza a mãe gestante. É potencializada com a morte da mãe, fase em que ele é marcado pela incapacidade perante si mesmo e o mundo. Dessa forma, o desamparo vem como resposta ao desejo de reconhecimento por algo ou alguém. Na teoria freudiana o termo desamparo apresenta-se como um estado no qual o sujeito recém-nascido depende de forma integral de um outro, para o suprimento de necessidades básicas, tais como a fome e a sede – ou seja, para realizar ações coordenadas e dinâmicas que confirmam a necessidade do outro (GOMÉZ, 2017; LAPLANCHE, 1992). No caso João, esse quadro não se apresenta exclusivamente na infância, mas perdura na sua vida adulta, repercutindo de forma intensa na vida profissional.

O objeto de desejo do policial é transferido para o Exército Militar Brasileiro e posteriormente para a Polícia Militar, de forma que as frustrações já experimentadas na vida familiar se tornam presentes no contexto militar, desencadeando a angústia e a fobia pela instituição. Ele direciona suas expectativas e ideologias às instituições militares com a finalidade de ser amparado e acolhido. Entre os militares, o termo “PM” é compreendido como a sigla de “Pai (aquele que briga, exige e impõe) e Mãe (aquela que acalma, acalenta e acolhe)”.

A frustração é entendida pela carência de um objeto externo capaz de satisfazer a pulsão, compreendida a partir de um ato de natureza dinâmica que atinge uma pressão ou força, conhecida como carga energética (LAPLANCHE, 1992). Ela advém da incapacidade do sujeito em alcançar seu objeto de satisfação (reconhecimento do pai, da família, estendida para o âmbito do trabalho) (ROUDINESCO; PLON, 1998).

A OT é vivenciada de forma intensa, além de ser marcada por contradições existentes entre o trabalho prescrito e o real do trabalho. É na existência desse *gap* entre o prescrito e o real que as vivências de sofrimento são instauradas, estimulando o sentimento de fobia que se apresenta como um sintoma no qual as manifestações somáticas são verificadas a partir da alteração do estado de humor, demonstrando-se irritação, impaciência

e agressividade. O indivíduo passa a se sentir inútil, impotente e desmotivado, o que o leva ao sentimento de indignação e humilhação diante de sua condição. Tais manifestações reverberam quando o sujeito se depara com um perigo exterior que considera uma ameaça real (LAPLANCHE, 1992).

Os riscos relacionados à profissão estão vinculados à precarização que surge com as transformações ocorridas no mundo do trabalho (GHIZONI, 2013). Esta é fruto do sistema capitalista, e o trabalhador, por vezes, submete-se a condições nocivas à saúde por sentir-se obrigado a seguir a lógica da intensificação do trabalho, por medo e insegurança (ANTUNES, 2012, 2014; HALL, 2006; SENNET, 2009). Neste caso, a função de policial incita no trabalhador as questões da virilidade e de ser super-herói, e para suprir uma necessidade de segurança pública ele se permite viver e trabalhar em condições precárias, conforme relata João.

Diante do sistema econômico vigente, os policiais são profissionais que, assim como outros, estão expostos à flexibilização, à intensificação e à precarização do trabalho (ANTUNES; PRAUN, 2015). Tanto para Galeazzi (2006) quanto para Antunes e Praun (2015), a precarização influi na qualidade dos serviços prestados e, por conseguinte, pode desencadear o adoecimento do trabalhador, que precisa ser afastado de suas atividades por não apresentar condições mínimas para cumpri-las. O contexto vivenciado na instituição militar fez com que João deixasse de sentir prazer e satisfação com sua carreira, experimentando o sofrimento no trabalho descrevendo-o de forma intensa.

O reconhecimento torna-se elemento essencial no contexto do trabalho e da promoção da mobilização subjetiva, pois assim há o investimento psíquico do trabalhador e ele se engaja em tal processo de mobilização (DEJOURS, 2011; MENDES; DUARTE, 2013). Neste caso, João presume uma contribuição da instituição militar e vai além do prescrito, esperando ser recompensado pelo serviço prestado e por situações que ultrapassam a exigência do trabalho prescrito.

As situações que levam esse policial ao sofrimento tornam-se recorrentes em sua trajetória militar, embora busque formas de transformá-lo em prazer. Isso o impede de elaborar as questões relacionadas ao trabalho a fim de evitar novamente o sofrimento, permanecendo na repetição. Para Roudinesco e Plon (1998), o termo elaboração significa trabalhar com cuidado. Já a perelaboração pode ser entendida como a reinterpretação das ações, ou seja, uma elaboração interpretativa, do inconsciente, que permite ao paciente associar uma interpretação com a finalidade de sobrepujar as resistências acordadas por ela, podendo esta ser produzida sem o auxílio do analista (MARTINS, 2013).

É nesse contexto permeado pelo sofrimento patogênico que João tenta suicídio. O sofrimento tende a paralisar o sujeito perante a dor, impedindo-o de avançar e de utilizar

elementos da mobilização subjetiva que possam transformá-lo em sofrimento criativo, ou seja, em prazer (MORAES, 2013). Roudinesco e Plon (1998, p. 6) declaram que numa visão lacaniana a passagem ao ato (tentativa de suicídio) está relacionada a um agir inconsciente, “um ato não simbolizável pelo qual o sujeito descamba para uma situação de ruptura integral, de alienação radical”. Esta é compreendida como uma forma de o sujeito se ausentar em resposta ao esgotamento que o conduz a um ato de violência contra si.

O sofrimento ético, sendo aquele que vai ao encontro da moral e do emocional do sujeito consigo mesmo, de acordo com Vasconcelos (2013), também esteve presente na causa de frustração e angústia em João. Fatores ocorridos dentro da instituição militar, por vezes, potencializaram sua insatisfação, contribuindo com suas recaídas quanto à ingestão do álcool. Esses acontecimentos o impediam de ter um bom desempenho na sua função, influenciando indiretamente, por exemplo, nas promoções de graduação.

João recorre às estratégias de defesa como uma maneira de permanecer inserido e ativo na instituição militar. As defesas constituem um conjunto de mecanismos com o objetivo de diminuir e/ou eliminar qualquer alteração que coloque o sujeito em perigo quanto a sua integridade, sua dedicação e seu esforço (LAPLANCHE, 1992). Porém, mesmo fazendo uso delas, João continua num movimento de repetição, não conseguindo elaborar (perlaborar) as situações de dor e de sofrimento. Assim, acabam se desencadeando danos físicos e psicológicos que o impedem definitivamente de dar continuidade a carreira militar.

Nesse cenário, ressalta-se que a reforma surge como estratégia de João na tentativa de dar um novo sentido a sua vida fora da instituição militar, uma vez que reconhece não ter condições psicológicas para continuar. Assim, ele aponta os possíveis destinos para seu sofrimento como uma forma de ressignificação.

Desfecho

A construção da narrativa do caso João permitiu compreender aspectos e questões relacionadas (in)diretamente ao seu contexto de trabalho, considerando que elementos da vida anterior à instituição militar tornaram-se relevantes a fim de entender o movimento de vida do policial. Em sua história, o reconhecimento apresenta-se como objeto de desejo e a falta como sintoma que perpassa todas as suas vivências de sofrimento.

Ao realizar o processo de escuta foi possível analisar a psicodinâmica do trabalho relacionada à OT policial militar, na qual foram constatadas contradições caracterizando o distanciamento entre o trabalho prescrito e o real. A lacuna existente confirma que fatores da globalização e da reestruturação produtiva continuam a influenciar na

dinâmica de estruturação e funcionamento da Polícia Militar. Isso reforça a ideia de estudar e buscar compreender o conceito de trabalho de forma interdisciplinar, a fim de eliminar o reducionismo teórico.

Ao final, João apresenta alguns destinos para seu sofrimento como maneira de tentar (re)significá-lo, buscando um novo sentido para sua vida, para manter-se saudável por meio de trabalhos fora da instituição militar. Desse modo, torna-se possível compreender a centralidade do trabalho, bem como sua importância enquanto elemento mediador da comunicação nesse contexto e, por conseguinte, na formação do sujeito e das relações sociais.

Referências

- ANTUNES, R. A nova morfologia do trabalho no Brasil: reestruturação e precariedade. *Revista Nueva Sociedad*, Buenos Aires, p. 44-59, 2012. Edição especial. Disponível em: <<https://goo.gl/muf-6nw>>. Acesso em: 10 jul. 2016.
- _____. Desenhando a nova morfologia do trabalho e suas principais manifestações. In: MENDES, A. M. (Orgs.). *Trabalho & sofrimento: práticas clínicas e políticas*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 25-45.
- _____. Os dilemas do trabalho no limiar do século 21. *Revista Cult*, São Paulo, n. 139, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/xw1YNU>>. Acesso em: 10 jul. 2016.
- ANTUNES, R.; PRAUN, L. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 123, p. 407-427, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/GPxKRF>>. Acesso em: 03 out. 2017.
- ARENDT, H. *A condição humana*. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: _____. *Análise estrutural da narrativa*. 7. ed., Petrópolis: Vozes, 2011. p. 19-62.
- BIRMAN, J. Dor e sofrimento na contemporaneidade: uma leitura psicanalítica do campo do trabalho. In: MERLO, Á. R. C. (Org.). *O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia*. Curitiba: Juruá, 2013. p. 41-54.
- CARVALHO, P. L. *Mapeamento dos riscos psicossociais relacionados ao trabalho em policiais do 6º Batalhão de Polícia Militar do Estado do Tocantins*. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2016.
- CHEMAMA, R. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- COSTA, S. H. B. Trabalho prescrito e trabalho real. In: VIEIRA, F. O. (Org.). *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho*. Curitiba: Juruá, 2013. p. 467-471.
- DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez; Oboré, 1992.
- _____. Subjetividade, trabalho e ação. *Produção*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 27-34, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/CEAe1q>>. Acesso em: 10 set. 2016.

- _____. Addendum. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. U. (Orgs.). *Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Brasília, DF: Paralelo 15; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. p. 57-123.
- FÍGARO, R. Atividade de comunicação e trabalho dos jornalistas. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, Brasília, DF, v. 16, n. 1, p. 1-20, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/24kzAm>>. Acesso em: 21 out. 2017.
- _____. *Relações de comunicação no mundo do trabalho*. São Paulo: Annablume, 2008.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREITAS, D. B. A. P. A construção do sujeito nas narrativas orais. *Clio Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, n. 25.2, 2007, p. 92-112. Disponível em: <<https://goo.gl/DVFJiD>>. Acesso em: 18 nov. 2017.
- GALEAZZI, I. Precarização do trabalho. In: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (Orgs.). *Dicionário de trabalho e tecnologia*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 203-207.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GHIZONI, L. D. *Clínica psicodinâmica da cooperação na Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis da Região Centro Norte de Palmas – TO (ASCAMPA)*. 2013. 308 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e Organizações) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.
- GOMÉZ, V. A. *Desamparo e sofrimento no trabalho bancário: um estudo de caso em clínica do trabalho*. 2017. 158 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017.
- GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, DF, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HANKE, M. Narrativas orais: formas e funções. *Contracampo*, Niterói, n. 9, p. 117-126, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/BdxJ6c>>. Acesso em: 17 nov. 2017.
- KANYAT, L. Trabalho como mediação da comunicação: uma reflexão teórica sobre o binômio comunicação-trabalho e os estudos de recepção. *Novos Olhares*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 69-78, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/NE8KG5>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- LAPLANCHE, J. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MARTINS, S. R. Elaboração (Perlaboração). In: VIEIRA, F. O. (Org.) *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho*. Curitiba: Juruá, 2013. p. 129-134.
- MENDES, A. M. Escuta analítica do sofrimento e o saber-fazer do clínico no trabalho. In: _____. (Org.). *Trabalho & Sofrimento: práticas clínicas e políticas*. Curitiba: Juruá, 2014.
- MENDES, A. M.; DUARTE, F. S. Mobilização subjetiva. In: VIEIRA, F. O. (Org.) *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho*. Curitiba: Juruá, 2013. p. 259-262.
- MENDES, A. M.; ARAUJO, L. K. R. *Clínica psicodinâmica do trabalho: o sujeito em ação*. Curitiba: Juruá, 2012.

- MERLO, Á. R. C.; BOTTEGA, C. G.; PEREZ, K. V. *Atenção ao sofrimento e ao adoecimento psíquico do trabalhador e da trabalhadora: cartilha para profissionais do Sistema Único de Saúde – SUS*. Porto Alegre: Evangraf, 2014. 28 p.
- MORAES, R. D. Sofrimento criativo e patogênico. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. *C. Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho*. Curitiba: Juruá, 2013. p. 415-419.
- MOTTA, L. G. A análise pragmática da narrativa jornalística. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/TMJ3J>>. Acesso em: 17 nov. 2017.
- NEFFA, J. C. El trabajo humano y su centralidad. In: _____. *Los riesgos psicosociales en el trabajo: una contribución a su estudio*. 1. ed. Buenos Aires: CEIL-CONICET, 2015. p. 10-60.
- _____. Sector informal, precariedad, trabajo no registrado. In: CONGRESO NACIONAL DE ESTUDIOS DEL TRABAJO, 9., 2008, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires: Aset, 2008.
- OREJUELA, J. J. Primero afirmar, luego integrar la interdisciplinariedad y las ciencias sociales. *Revista Científica Guillermo de Ockham*, Cáli, v. 7, n. 1, p. 41-56, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/2Xcndq>>. Acesso em: 29 abr. 2017.
- REBECHI, C. N.; FÍGARO, R. A comunicação no mundo do trabalho e a comunicação da organização: duas dimensões distintas. *Animus – Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, Santa Maria, v. 12, n. 24, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/10811>. Acesso em: 15 out. 2017.
- ROIK, A.; PILATTI, L. A. Psicodinâmica do trabalho: uma perspectiva teórica. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 29., 2009, Salvador. *Anais...* Salvador: Enegep, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/Tb4NRf>>. Acesso em: 10 jul. 2016.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SENNETT, R. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- VANIER, A. O sintoma social. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 205-217, 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2pz0YGj>>. Acesso em: 10 set. 2017.
- VASCONCELOS, A. N. L. Sofrimento Ético. In: VIEIRA, F. O. (Org.) *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho*. Curitiba: Juruá, 2013. p. 421-425.
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.